

RESUMO

Relato dos desdobramentos das experiências do projeto político pedagógico Universidade das Quebradas, um curso de extensão do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto, criado e coordenado pelas professoras Heloísa Buarque de Hollanda e Numa Ciro, originou-se da percepção da riqueza e potencialidade da produção cultural com a qual os artistas reinventam a cidade. O objetivo do curso é criar um espaço de intercâmbio de conhecimento entre academia e artistas. O projeto é uma intervenção de um grupo de participantes da Universidade das Quebradas, no momento em que ele é transferido para o MAR - Museu de Arte do Rio. A partir de questionamentos e proposições, o grupo pesquisa busca formas de dar materialidade a processos que contribuam para uma nova cartografia da cidade do Rio de Janeiro, para que a cidade se reinvente em suas tensões e possa acolher os diferentes Rios que deságuam no MAR.

Palavras-chave: Produção de conhecimento; Artistas da periferia; Novas metodologias.

ABSTRACT

An account of the political pedagogical project “Universidade das Quebradas”, an extension course of the Contemporary Culture Advanced Program of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) Language School. The project, developed and coordinated by Professors Heloísa Buarque de Hollanda and Numa Ciro, was originated from the perception of the powerful and rich cultural production with which the artists reinvent the city. The course objective is to create grounds for a mutual exchange of knowledge between academy and artists. The Project is an intervening action of some members of the Universidade das Quebradas as it moves from the premises of UFRJ to the Museum of Art of the City of Rio de Janeiro (acronym “MAR – Museu de Arte do Rio”, that spells like the Portuguese word for SEA, “mar”). By questioning old concepts and proposing new ones, the research group intends to materialize processes that may contribute to redraw the map of the city, reinventing its tensions and accommodating the different rivers that flow into the sea (MAR).

Keywords: Production of knowledge; Outside artists; New methodologies.

INVENTANDO PERGUNTAS

A criação de um campo de produção entre as propostas da Universidade das Quebradas e as do Museu de Arte do Rio, o MAR, é o objeto da nossa reflexão. Interrogamo-nos sobre como os alunos da Universidade das Quebradas podem ocupar o museu de uma forma participativa, ao lançarem, com suas vivências e modos de fazer arte, a rede quebradeira no MAR e abrirem campos de produção de conhecimento e expressões artísticas que redesenhem o artista e a cidade.

A Universidade das Quebradas, coordenada pelas professoras Heloísa Buarque de Hollanda e Numa Ciro, faz parte do Programa Avançado de Cultura Contemporânea.

¹ Psicóloga clínica, com doutorado no PPG de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa “Micropolíticas da formação e produção de subjetividades”. Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) e graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1978). Tem experiência clínica com crianças, adolescentes e adultos, e com grupos de idosos no estudo das narrativas do envelhecimento, em bibliotecas públicas. Atualmente desenvolve trabalhos de inserção e transformação social com coletivos juvenis com o tema da cultura da periferia e profissionalização como invenção de modos de vida. Participa da equipe de coordenação pedagógica do Curso de Extensão Universidade das Quebradas, Faculdade de Letras da UFRJ. E-mail: angela.carneiro@gmail.com.

nea (PACC), da Faculdade de Letras e de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É um território de encontro dos acadêmicos com artistas, produtores culturais e multiplicadores poéticos, os “quebradeiras”. Este termo designa os habitantes das “Quebradas”, uma denominação para favela em São Paulo. Quebradeiro, porém, no sentido adotado, implica também num modo de olhar crítico, inventivo, que ‘quebra’ a realidade, apresentada muitas vezes como única e absoluta. A Universidade das Quebradas tem recebido pessoas que, em sua maioria, nunca frequentaram o ambiente acadêmico, ou, se o fizeram, apresentam sentimento muito forte de estranhamento, de não pertencimento. Logo, o grande desafio é construir um território de partilha e confiança. Pelo seu lado, a Universidade das Quebradas tem como desafio a produção de um campo de forças que abrigue diferentes modos de conhecimento e metodologias que expandam e acolham mutuamente tanto o patrimônio acadêmico como os artistas quebradeiros, em outros planos de produção e compartilhamento.

A partilha de uma concepção de projeto que toma como direção o potencial emancipador das atividades nos remete ao conceito de conhecimento emancipação de Boaventura Santos (2001). O autor considera como emancipador aquele conhecimento que pensa as consequências dos atos, em que a relação sujeito-objeto é substituída pela reciprocidade entre os sujeitos, em relações de solidariedade. Forma-se então um espaço que, no dizer de Espinoza (2007), potencializa os bons encontros, aqueles carregados de afetos, tomados pela alegria, como a experiência de ser afetado por intensidades que expandem a vida, diferentemente dos tristes encontros que a constroem. O que se desdobra no pensamento de Boaventura Santos como “desencantado e triste” (Santos, 2001, p.73) é um conhecimento que se basta, não abre as portas para outros saberes e despreza a natureza, ao objetivá-lo e quantificá-lo como forma absoluta de abordagem. Ao tratar o objeto somente como tal, sem lógica organizativa, o conhecimento limita a possibilidade de troca e de ampliação.

Para escaparmos desse modo de produção de conhecimento, é necessário, como condição primordial, problematizar, compartilhar e experimentar. É sair do perímetro do conhecido e se deixar atravessar pelos acontecimentos. O importante é discriminar experiência de experimentos. Os experimentos, dispositivos da ciência, buscam a revelação da realidade universal, o que esvazia o encontro com o singular, o inventivo, da ordem do raro, do local e do revolucionário. Estamos na direção de um saber que se conta pelo seu fazer e que se desdobra pelas múltiplas possibilidades de narrar. Como efeito das narrativas, produz-se um conhecimento aberto à possibilidade de criar outros finais ou de iniciar outros processos entre nós.

Este cenário permite uma ampliação da experiência em que narrador e ouvinte se misturam e se revezam nos papéis. Além disso, quando a experiência é construída numa relação emancipatória, outros narradores e outros ouvintes nascerão. O conhecimento assim produzido circula, tem possibilidade de ser testado e de se enriquecer com novos valores e sentidos, mas principalmente de se reinventar. A difusão do conhecimento por esse modo não é uma mera reprodução, mas a proliferação de múltiplas narrativas.

Para ser emancipatório, é preciso que o processo ensino-aprendizagem permita que os sujeitos caminhem por si, questionem porque conhecem ou desconhecem, saibam agir e intervir, suportem o não-saber e se deixem levar pelo imprevisível que toda experiência comporta. Ou seja, é preciso estar disponível para desviar, encontrar novos

rumos, abandonar percursos e ideias e se deixar tocar pelo presente que se anuncia. O conhecimento emancipador trabalha para a produção de um novo conhecimento, mais humano, cidadão, centrado nas questões cruciais do mundo à sua volta e, portanto, político, já que é uma tomada de posição diante de si e do mundo.

PERGUNTAS QUE TECEM AS QUEBRADAS

Nas Quebradas, acompanhamos processos que quebram percursos, sofrem desvios e rompem modelos, numa constante problematização que leva a outras conexões e a novas dobras. Assim, como criar metodologias que se alinhem com o desenvolvimento de outras formas de saber, que tenham como princípios os do conhecimento-emancipação? Como a Universidade das Quebradas tem redesenhado novas comunidades interpretativas, em que os artistas expandam sua participação? Quais seriam os modos de produção para esses encontros? Quais e que tipos de experiências estariam sendo estimulados? Como as atividades que enlaçam os alunos, a equipe e os professores têm contribuído para a produção de um conhecimento emancipatório (Território - Estética da Periferia, divulgação e intercâmbio via site <www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br>, saídas culturais, eventos)? Quais recursos potencializam novos desafios na direção de uma transformação? De que forma a rede de parcerias com a Faculdade de Letras e de Educação tem se articulado?

Com esse balaio de questionamentos, no meio de um caminho dentre tantos encontros, tivemos um que se tornou acontecimento. De repente, chegamos ao MAR, o Museu de Arte do Rio. Um encontro que nos colheu no momento em que nos vimos desabrigados e procurávamos outros territórios. A Universidade das Quebradas (UQ) instalou-se na nova casa, o MAR, e o Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC, ao qual a UQ está ligado, foi para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na Ilha do Fundão. Desse encontro, novos caminhos se abriram para os quebradeiros, com as possibilidades de participação em cursos e eventos, de uso da biblioteca e de trocas com os novos pares. No MAR, nos enredamos em outros fluxos, circulação de ideias, no espaço de exposições, oficinas e nos encontros com artistas e curadores.

O MAR pretende se territorializar na cidade e abrir-lhe novas rotas, que a possam expandir para além dos perímetros centralizadores e conhecidos que a definem. Caminha, portanto, sensível a deslocamentos feitos de uma aragem poética e forte que configura novos mapas de criação de sentidos e de expressão artística, nos múltiplos modos de habitar a cidade e até mesmo em conexões para além da própria cidade.

O que sabemos do MAR?

É um museu que busca novas cartografias urbanas e artísticas, em linha direta com as escolas municipais, nas relações entre alunos e professores e no entorno dos moradores e trabalhadores, que o circunscreve com a tradição histórica e cultural riquíssima de toda região do cais do porto do Rio de Janeiro. Configura-se como um museu marcadamente de artes visuais, que se inventa como um espaço para a sociedade refletir sobre si mesma, na sua produção simbólica e nos seus modos de compartilhá-la numa constante reinvenção de si. É um museu tramado em parcerias – com academia (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Rio de Janeiro), museus nacionais e internacionais (Museum of

Modern Art – MOMA, Fundação Calouste Gulbenkian), centros de produção cultural, moradores, movimentos locais de produção coletiva de saber e de arte e ações coletivas e solidárias.

Perguntas que fazemos ao MAR

Como a herança artística e do pensamento que nos atravessa pode contribuir para o Museu fluir como dispositivo de expansão inventiva dos espaços públicos e criar novas rotas de circulação e apropriação da cidade para o século XXI?

De que forma os artistas quebradeiros ocuparão o museu, para que afetem e sejam afetados nas bordas de si e possam produzir sentidos que os reinventem e reinventem a cidade em novas cartografias?

Como potencializar o encontro Quebradas - MAR no deslocamento de uma educação, de um conhecimento hierárquico, estático, de redução a objetos, numa constante produção de invisibilidades e silêncio, para um conhecimento emancipatório?

Frente a uma cidade que cada vez mais se faz presente no circuito mundial, econômica e culturalmente, como contribuir para que o Rio seja encarado na multiplicidade dos sentidos de muitos?

A herança antropofágica brasileira desdobra-se num campo vivencial, em que os sentidos são desafiados a se reinventarem entre o individual e o coletivo, o privado e o público, a cultura e a subjetividade. Nosso desafio é reinventá-la num campo coletivo de forças, em novas experiências artísticas que se mantenham em constante fazer, e avançar em sintonias cada vez mais finas, em suas dimensões poética e histórica, no tempo do agora. Uma ocupação do tempo-espaço que permita percorrer interstícios que tramem o que Guattari (1990) chama de território existencial, espaços marcados e carregados de porvir. Uma ecologia efeito da mistura de Arte, Cultura e Vida.

Guattari nos desloca do paradigma do moderno para o do contemporâneo, numa trajetória ética e estética que se encarna no gesto e nos materiais, alçado pelo simbólico de nossa época. Uma construção que se faz no nosso tempo, mas implica em tomar o legado das utopias como mobilizador das experiências artísticas, para se pensar arte como território do futuro presente. O que significa que não podemos atravessar qualquer construção do novo sem colocar em análise as instituições e o que nos habita como conhecido.

Nessa linha de questionamentos, nasce o projeto Nas Quebradas do Mar, do encontro com a nova parceria, atento a não perder de vista o compromisso com o conhecimento-emancipação. Um dispositivo que faça fazer conhecimento encarnado e sensibilize um olhar pensante a novas leituras do mundo.

COMO ACOMPANHAR ESSES PROCESSOS?

A produção de saber encarnado passa por sua localização num saber-fazer que tem como desafio, na visão de Donna Haraway (1995, p.18), desviar de um “olhar conquistador que não vem de lugar nenhum”, para um olhar envolvido “[...] com o sangue de quem foram feitos os meus olhos” (p.25), para ampliar e incluir modos outros de ha-

bitar uma cidade, de forma mais criativa e solidária, ao estimular uma posição crítica e bem-humorada sobre o modo de vida que nos engendra.

Os múltiplos sentidos que os artistas quebradeiros apresentam em suas produções e percursos de vida estabelecem novas lógicas e metodologias, que nos fazem repensar o que se encontra estabelecido como único. O maior ganho é poder imaginar e antecipar outras cidades dentro da própria cidade em que todos habitamos, quem sabe mais interessante e solidária e que nos leve à cidade que queremos.

DE QUE MODO?

Uma das atividades primordiais da Universidade das Quebradas chama-se “Território, Estética da Periferia”. É o momento em que os quebradeiros apresentam seus projetos e experiências, trazem suas metodologias e recebem questionamentos e avaliações do grupo. A partir de questões levantadas pela turma da quarta edição dos territórios – os desafios de ser artista da periferia desde a formação, o acesso a editais, as exposições e curadorias, as formas de ocupação, a arte pública, as políticas públicas de cultura, a criação de outras lógicas de produção –, colocamos para nós mesmos o desafio de pensar como elas afetam os nossos conceitos, quais seus efeitos na estética dos trabalhos e que novas cartografias podem produzir.

Para enfrentar esse desafio, formamos um grupo de trabalho em torno da pergunta: o que os quebradeiros trazem, em suas bagagens de seus territórios de origem, que possa contribuir para expandir o conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro? Redesenhá-la culturalmente e expandir suas fronteiras para uma produção que abrigue uma multiplicidade de expressões?

As questões levantadas nas apresentações dos territórios funcionaram como analisadores da cidade em que vivemos, e que queremos analisar segundo muitos vieses: a problematização do conceito de periferia; os fluxos de criação e reinvenção numa cidade em que a maioria das pessoas vive em regiões em que não existem cinemas, teatros, centros culturais, bibliotecas, mas em que há uma intensa vida cultural; a ordenação e reinvenção de lógicas que têm como efeito o surgimento de muitos grupos artísticos (músicos, poetas, grafiteiros, grupos teatrais e de cinema); ações de intervenções culturais e sociais que, em geral, se mantêm invisíveis diante da mídia (saraus, cineclubes, bailes, riqueza gastronômica, oficinas diversas); presença de inúmeros grupos religiosos que transitam entre a tolerância e a intolerância; a complexa presença das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e o longo caminho de convivência, que oscila entre o estado de direito e a barbárie; as dificuldades de mobilidade na cidade para aqueles que nela moram, mas que no dia a dia é como se fossem sempre os de fora, pelas viagens cotidianas, em condições aviltantes; a grande produção de narrativas para além das redes sociais da Internet, que ganham outros registros: livros, vídeos, novas produções baseadas em outra lógica econômica e uma ecologia que discuta uma integração ética, política e estética.

Diante de tantas questões que forjam tantos modos de vida, uma discussão que surge no meio do caminho é a função do museu como tela de registros das experiências encarnadas, ou seja, o museu como uma plataforma de processos e metodologias produzidos em outras lógicas, diferente do que é estabelecido como único e absoluto. Um museu do tempo do agora, atravessado por intensidades do ontem e do amanhã, no

entre, no espaço-tempo das fronteiras.

Assim, na usina de tantas ideias, começamos, com um grupo interessado, a pesquisar a materialidade dessas questões, deslocando-as de um pensamento linear e racional para um campo de experimentações de um pensamento artístico, crítico e transformador. Uma vez por semana, trabalhamos os temas que foram surgindo, dando-lhes continuidade nos encontros seguintes: a cidade com que sonhamos, as histórias que não se escrevem, as conexões invisíveis que nos atravessam, o negro, o índio e o branco que incorporam a cidade, as vivências de muitos nas múltiplas cidades que habitam, a invisibilidade, tanto como recusa, quanto como estratégia de existência. Trabalhamos com fotografia, desenho, pintura e vídeo, estudamos autores e textos que ampliaram nossas questões sobre a cidade em que vivemos.

Aos poucos o grupo percebe que, pela confluência dos muitos rios que caminham para o mar, uma cidade passa a ser mapeada. Esse é o retrato do Rio de Janeiro. Mas outras conexões começam a fluir nesses rios, atravessados por outros elementos. Cada participante foi trazendo os atravessamentos de seus percursos e encontros que desenhavam uma nova cartografia da cidade.

Assim, foram compartilhados os percursos de cada um para atravessar a cidade e chegar ao centro dela: trânsito, obras, manifestações, encontros de solidariedade e humor, e mesmo tragédias, como a do dia em que a passarela na Linha Amarela desabou, pela imprudência de um motorista. Percebemos os fluxos que circulam e a insistência nos modos de superar as impossibilidades.

A água é o elemento que ganha a cena no grupo, por sua capacidade de atravessar as barreiras, por sua força e maleabilidade. Aparece como o elemento comum e forte para dar materialidade às ideias que surgem no olho da fonte: movimento, força, insistência, vida, encontro, luta, indignação. A água que carrega as pessoas, com suas histórias, lugares, crenças, ancestralidades, sabores e temperos, a presença da natureza, as mudanças que impedem a vida, derrubam pontes e separam as pessoas, tudo isso ganhando materialidade em fotos, desenhos, sons, performances e composições. É a percepção de que o mar se faz em sua força e tamanho no encontro com os rios. Se o mar é o que é, é efeito da luta constante dos rios que insistem em passar. Também a cidade que queremos já está acontecendo, pelos fluxos cotidianos dos artistas, inconformistas que sonham e antecipam outras vidas e que insistem em não parar de fluir. Como a cidade será o que queremos pelas ideias que ganham a forma de um Manifesto Quebradeiro escrito com a colaboração da professora Sandra Portugal, que coordena o Laboratório de Expressão e Linguagem da Universidade das Quebradas. Esse manifesto inspira uma nova visão da cidade.

RIOS QUE DESÁGUAM NO MAR

Assim entramos em outro tempo do trabalho. O grupo de pesquisa (Ângelo Mello, Denise Kosta, Juliana Barreto, Fábio Augusto Pedroza, Noélia Albuquerque, mais os professores Beatriz Meira, Egeu Laus e Ângela Carneiro – coordenadora) apresenta o trabalho desenvolvido até ali e convida a turma dos quebradeiros a caminhar junto. Convida-a a marcar, nos próximos encontros, as cidades que nos atravessam e que precisam ganhar visibilidade, em todas as suas conexões, para que o corpo quebradeiro se deixe afetar e possa afetar, marcando singularidades e diferenças. A tarefa

tornou-se muito interessante ao abrir a todos o trabalho que estava sendo desenvolvido, como uma maneira de partilhar e produzir conhecimento com o outro.

E o que resultou disso foi o desenho de uma nova cartografia do Rio de Janeiro, com as marcas culturais de uma cidade que muitas vezes fica invisível. Formou-se um mapa que expande um mapa feito no início do curso, um ano antes, apresentado no Dia da Chegança, feito somente com os nomes dos lugares de origem de cada um. Foi um deslocamento, que nos permitiu acompanhar os processos dos múltiplos atravessamentos, desde onde eles vêm até desaguarem no MAR, abrindo novas concepções, revelando novos artistas, colocando novas questões que dão visibilidade, não só a paisagens existentes, mas a outras que se anunciam. Um mapa desnorteado do norte, quebra da convenção internacional que toma o norte como referência. Reinventamos o nosso norte que segue a linha do trem, que é a espinha dorsal para quem vive fora dos perímetros do centro. O nosso norte torna-se Santa Cruz, lendário bairro da região oeste do Rio de Janeiro.

Um intenso trabalho de afetar e ser afetado no encontro com o pensamento. Um exercício de mútua sensibilização, para novas inscrições de um imenso mapa dos Rios que deságuam no MAR. Um trabalho que dá início a outra etapa, ao se interrogar em como expandir e contagiar com essas ideias a expansão das fronteiras que aproximem as diferenças. Nesse sentido, continuamos em movimento.

REFERÊNCIAS

ESPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**. Cadernos Pagu, vol. 5, p. 7-41, 1995.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Boaventura de S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Volume 1: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência).

COMO CITAR ESTE RELATO

CARNEIRO, Angela. Nas Quebradas do Mar, em obras. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 49-55, jul./dez. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 5 abr. 2014.

Aceito em: 8 set. 2014.